



O imoralismo e a criação de valores em Nietzsche

Kelly de Fátima Castilho¹

Resumo: Os golpes do martelo nietzschiano podem ser encarados como parte do processo que possibilitará o surgimento de novas formas de vida e de avaliações. Se Deus está morto, e com ele também desapareceram os fundamentos do edifício moral, o homem encontra-se livre para criar e deixar surgir novas auroras. Para Nietzsche, os valores morais não existem em si mesmos, mas são o resultado de criações humanas, demasiado humanas, pois na própria definição de homem está contida a sua capacidade de “avaliar”, de “medir” e atribuir valores às coisas e às ações. “Bem e mal que sejam perenes — isso não existe!” (ZA/ZA II Da 164 *Superação de Si Mesmo*) E, se o homem é um criador de valores por excelência, o que importa ao filósofo imoralista é questionar se esses valores promovem ou diminuem a vida, se são expressão da força ou da fraqueza, se estimularam ou dificultaram o crescimento do homem até agora (GM/GM, *Prólogo* 3). É a partir desse critério que o filósofo analisa a moral e pesa novamente os valores. As avaliações morais que existiram e ainda existem deverão ser vistas enquanto sintomas, enquanto resultado de um determinado conjunto de impulsos e jamais como “verdadeiras” ou “falsas”, “certas” ou “erradas”, “boas” ou “más”. Este texto pretende investigar a relação entre o imoralismo de Nietzsche e a criação de valores mais afirmativos, valores estes que estejam em consonância com a vida e com sua expansão. Veremos ainda, de que modo a criação está condicionada a uma transvaloração radical de todos os valores até então cultivados pela tradição.

Palavras chave: Imoralismo. Criação de valores. Vida. Nietzsche.

Abstract: The blows of the Nietzschean hammer can be seen as part of the process that will enable the emergence of new forms of life and evaluation. If God is dead, and with him the foundations of the moral edifice have also disappeared, humanity finds itself free to create and allow new dawns to emerge. For Nietzsche, moral values do not exist in themselves, but are the result of human creations, all too human, for the very definition of humanity contains its ability to “evaluate,” “measure,” and assign values to things and actions. “Good and evil that are perennial—that does not exist!” (ZA/ZA II Da 164 *Overcoming Oneself*). And, if humanity is a creator of values par excellence, what matters to the immoral philosopher is to question whether these values promote or diminish life, whether they are an expression of strength or weakness, whether they have stimulated or hindered human growth thus far (GM/GM, *Prologue* 3). It is based on this criterion that the philosopher analyzes morality and reweighs values. The moral evaluations that have existed and continue to exist should be seen as

¹ Kelly de Fátima Castilho possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2004); mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009) e doutorado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). É Professora de Filosofia no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), atuando principalmente nos seguintes temas: Nietzsche: vontade de potência e eterno retorno; Jean Marie Guyau e Alfred Fouillée: moralidade, egoísmo e altruísmo e a recepção do pensamento de Nietzsche na França. ORCID: 0009-0004-4742-4529. Email: kellyfcastilho2@hotmail.com. Endereço profissional: Rodovia RS, 2018 - Indubrás, Santo Ângelo- RS, 98806-700.

symptoms, as the result of a specific set of impulses, and never as “true” or “false,” “right” or “wrong,” “good” or “bad.” This text aims to investigate the relationship between Nietzsche’s immoralism and the creation of more affirmative values—values that are in tune with life and its expansion. We will also examine how this creation is conditioned by a radical revaluation of all values previously cultivated by tradition.

Keywords: Immoralism. Value creation. Life. Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Em diversas passagens de sua obra, Nietzsche se autodenomina um *imoralista* e alguém que declara guerra à moral. Mas o que isso significa, exatamente? Seu imoralismo implica uma simples inversão dos valores até então sustentados pelo cristianismo, ou exprime, antes, a exigência de uma transformação radical das avaliações morais tradicionais, acompanhada da necessidade de criação de novos valores? Veremos a seguir de que modo o filósofo alemão tratou da criação de valores, suprimindo toda e qualquer instância supra terrena e considerando apenas a vida enquanto critério da moral. O que importa para ele é verificar se os novos valores são provenientes da força ou da fraqueza, da exuberância da vida da sua miséria e decadência.

1 O IMORALISMO NAS OBRAS DE NIETZSCHE

Num primeiro momento, analisaremos o significado que o termo “imoralista” tem na obra nietzschiana e o motivo pelo qual ele o utilizou em seu empreendimento crítico. Em um fragmento póstumo de outubro de 1888, encontramos algumas pistas a respeito dessa utilização. “Preciso desses *contraconceitos* fortes”, disserta o filósofo, “da luminosidade desses *contraconceitos*, para resplandecer nesse abismo de frivolidade e falsidade que até agora se chamou moralidade” (NF/FP, 1888, p. 23[3]). Foi com essa palavra que Nietzsche se lançou na luta contra aquilo que ele considerou “o mais fatal dos erros” e “a forma mais perversa da vontade de mentir”: a moral, em especial a moral judaico-cristã (NF/FP 1888 p. 23[3]).

No *Andarilho e sua Sombra* (1880), Nietzsche afirma que os moralistas devem aceitar ser considerados “imoralistas”, pois seu papel é “dissecar” a moral e não a pregar. O objetivo do imoralista, nesse contexto, não é se converter em um “pregador da moral”, mas ser capaz de “matar” e de “dissecar”, situando-se acima da moral tradicional e de seus valores (MAII/HHII, 19). Nesse trecho, o filósofo deixa claro que o que distingue seu procedimento dos demais é a sua capacidade de distanciamento daquilo que se denominou, até então, moral. Foi essa “distância”, segundo ele, que lhe permitiu descer até as “profundezas” e com isso “solapar nossa confiança na moral” (M/A, *Prólogo* 3). Confiança esta que foi construída e protegida durante milênios, já que a própria moral inibiu e impediu toda espécie de crítica que pudesse vir a atingi-la. A moral, conforme o filósofo, “conhece todas as artes diabólicas da persuasão” e aquele que se dispõe a criticá-la já é julgado “imoral” (M/A, *Prólogo* 3).

Em *Ecce Homo* (2008), obra que Nietzsche escreve com o objetivo de se apresentar à humanidade, encontra-se a seguinte indicação do significado do seu imoralismo:

No fundo são duas as negações que a minha palavra imoralista [*Im-moralist*] encerra. Eu nego, por um lado, um tipo de homem que até agora foi tido como o mais elevado, os bons, os benévolos, os benéficos; nego, por outro lado, uma espécie de moral que alcançou vigência e domínio como moral em si — a moral de *décadence*, falando de modo mais tangível, a moral cristã (EH/EH, *Por que sou um destino* 4)

O imoralismo de Nietzsche, portanto, marca uma determinada postura diante da moral e, com ela, o filósofo aponta para a necessidade de negar um determinado “tipo de homem” e um determinado “tipo de moral”: homem do “amor ao próximo” e a moral da “compaixão”.

Se Nietzsche usa seu imoralismo para renegar um determinado tipo de homem, os “bons” e os “benévolos” é porque, segundo sua perspectiva, esse tipo foi construído a partir da atuação reativa dos mais fracos diante dos fortes. O cristianismo, com seu modo de avaliar, rejeitou e corrompeu tudo o que vinha das naturezas mais fortes e passou a idolatrar toda espécie de antinatureza. O “ressentimento das massas”, ressalta Nietzsche, foi a arma construída “contra tudo o que há de nobre, alegre, magnânimo na Terra, contra nossa felicidade na Terra...” (AC/AC 43). Interessante notar que a oposição nietzschiana ao cristianismo e à moral judaico-cristã se justifica pela própria atitude dessas doutrinas diante de determinados instintos e valores. Ou seja, se Nietzsche vê a necessidade de pensar os ideais cristãos de uma maneira invertida, num primeiro momento, é porque antes essa doutrina já “inverteu” os “valores nobres” e os transformou em “valores escravos”.

Se Nietzsche utiliza as palavras “luta”, “guerra” e “combate” contra a moral é pelo motivo que também pretendeu assinalar e denunciar aquela “outra guerra”, que o próprio cristianismo empreendeu contra as naturezas mais fortes e contra os homens de instintos mais saudáveis. O cristianismo, segundo ele, “travou uma *guerra de morte* contra esse tipo *mais elevado* de homem, ele proscreveu todos os instintos fundamentais desse tipo, ele destilou desses instintos o mal, o homem mau” (AC/AC 5). Como resultado dessa guerra, aquelas naturezas mais elevadas e exuberantes passaram a desconfiar e se envergonhar dos seus instintos. Foram ensinadas a ver a sua razão e a força do seu espírito como “tentações”, suas ações como “pecaminosas” e, ao contrário, se transformou em ideal. Esse teria sido, segundo Nietzsche, o processo operado pelo cristianismo para elevar a fraqueza em detrimento da força, uma vez que “o cristianismo tomou partido do que é fraco, malogrado” (AC/AC 5).

É, portanto, para evidenciar e denunciar a superestimação da fraqueza em detrimento da força que o imoralismo de Nietzsche se insurge, pois, até o momento, a moral judaico-cristã atuou na exaltação de tudo o que contraria os instintos de conservação de uma vida forte. O filósofo quer justamente libertar o homem para que possa ser o criador de valores mais saudáveis e afirmativos; estes que estejam em consonância com este mundo e esta vida.

É nesse contexto que, diante da pergunta: “O que um imoralista pode exigir de si mesmo?”, Nietzsche responde:

Talvez até “melhorar” a humanidade, mas de forma diferente, oposta: isto é, libertá-la da moral, especialmente dos moralistas — trazer à consciência deles, colocá-los face a face com o tipo mais perigoso de ignorância... Restauração do egoísmo da humanidade! (NF/FP 1888 p. 23[3]).

2 A CRÍTICA DE ALFRED FOUILLÉE AO IMORALISMO DE NIETZSCHE

Aos olhos de Fouillée, Nietzsche foi apenas um “falso imoralista”, uma vez que sua crítica não é capaz de rejeitar todas as manifestações morais, mas apenas a moral cristã. Nesse caso, a designação mais autêntica de Nietzsche seria “anticristão”, pois ele próprio teria pregado uma espécie de “moral invertida” — uma moral que se opõe à moral cristã. Segundo Fouillée, o filósofo alemão teria apenas substituído o “sejais piedosos” pelo “sejais duro”; e no lugar de dizer: “amai-vos uns aos outros, lutais uns contra os outros” (Fouillée, 1902, p. 61).

Nietzsche, portanto, estaria longe de uma verdadeira e completa transvaloração dos valores, pois apenas *rejeitou* tudo aquilo que a humanidade chamou de virtude e afirmou tudo o que até então foi chamado de vício. Os valores “pregados” por Zaratustra, segundo Fouillée (1902), nada mais são do que a inversão, e não a superação, do cristianismo: “a humanidade deve queimar todas as pretensas virtudes que ela havia adorado e adorar todos os pretensos vícios, ‘ódio, crueldade, violência, orgulho, etc’” (Fouillée, 1902, p. 64).

Entendo que a interpretação de Fouillée baseou-se nas diferentes passagens da obra nietzschiana em que se evidencia uma radical oposição aos valores vigentes e à tradição judaico-cristã. Em *Ecce Homo* (2008), por exemplo, encontramos afirmações como:

Eu contradigo [*Ich widerspreche*] como nunca foi contradito [*widersprechen*]² [...] minha sina quer que eu seja o primeiro homem decente, que eu me veja em oposição [*im Gegensatz weiss*]³ à mendacidade de milênio [...] a minha verdade é terrível: pois até agora chamou-se à mentira verdade (EH/EH, *Por que sou um destino* 1).

2 A palavra “*widerprechen*” provem da combinação entre “*wider*” (contra) e “*sprechen*” (falar). Segundo o dicionário *Deutsches Wörterbuch* dos irmãos Grimm, é o “ato de contradizer”, “contestar”, “opor-se verbalmente” a algo ou alguém.

3 A expressão “*im Gegensatz weiss*” significa “ter consciência de estar em oposição” ou “saber-se em contraste”. Nietzsche está reforçando a ideia de uma oposição deliberada e consciente às mentiras que foram acumuladas ao longo dos séculos. O que não significa que ele esteja simplesmente invertendo valores.

A obra *O Anticristo* (2003)⁴, tal como o próprio título sugere, pode ser uma confirmação de que Nietzsche se considerava sim um “anticristão”, alguém “avesso” aos valores estabelecidos pelo cristianismo e incansável combatente destes. Ele não nega seu propósito de declarar guerra àquilo que chamou de a “mendacidade de milênios” e se considera o primeiro a enxergar a “verdade” cristã como mentira (EH/EH, *Por que sou tão inteligente* 9). Isso certamente facilitou o surgimento de interpretações tais como a de Fouillée, que considerou Nietzsche apenas como um opositor do cristianismo, sem nenhuma originalidade e gênio criativo.

Ou ainda, “quem descobre a moral descobriu com isso o não-valor dos valores todos nos quais se acredita ou se acreditou; nada mais vê de venerável nos tipos mais venerados e inclusive proclamados santos” (EH/EH, *Por que sou um destino* 8). O que há em comum nestes trechos é a postura nietzschiana de se colocar em radical oposição aos valores até então cultivados – o que não justificaria a acusação de Fouillée, embora não concordemos com elas.

O filósofo alemão, portanto, denuncia a proveniência perversa dos valores até então cultivados e indica o solo contaminado a partir do qual estes foram erigidos, o que justificaria a necessidade de uma transformação radical de todos os valores. Foi a moral dualista, que, incapaz de criar, apenas inverteu as estimativas dos nobres e forjou princípios para enfraquecer as naturezas mais fortes. Nietzsche propõe que ultrapassemos as noções tradicionais, pautadas na dualidade de opostos qualitativos, tais como “bem” e “mal”, “moral” e “imoral”. É preciso desafiar, segundo ele, a falsa concepção que considera o homem “mau e degenerado” em si, mas também aquela que o considera “bom e virtuoso” em si. “Reconheceremos, que não existem pecados no sentido metafísico; mas que também, no mesmo sentido, não existem virtudes” (MAI/HHI p. 56). Enquanto criações humanas, portanto, os valores morais jamais devem ser tomados no sentido absoluto e palavras como “castigo” e “pecado”, quando aplicadas ao mundo e à vida, não passam de equívocos.

3 IMORALISMO E CRIAÇÃO DE VALORES

“Deus está morto, esta é a causa do maior perigo: o que? Também poderia ser a causa do maior ânimo?” (Fragmento póstumo 2 [129] de outono de 1885 – outono de 1886).

Os golpes do martelo nietzschiano podem ser encarados como parte do processo que possibilitará o surgimento de novas formas de vida e de avaliações. Se Deus está morto, e com ele também desapareceram os fundamentos do edifício moral, o homem encontra-se livre para criar e deixar surgir novas auroras e novas perspectivas. Não nos parece que Nietzsche tenha como intuito criar valores opostos aos cristãos e que passe a pregá-los como

4 Nos Posfácio de *Ecce Homo*, Paulo César de Souza, afirma que o título da obra “*O Anticristo*” poderia também ser traduzido por “*O Anticristão*”, uma vez que o termo em alemão *Christ* pode significar as duas coisas: anticristo ou anticristão.

verdadeiros. Com isso, ele estaria preservado um mesmo modelo cristão dicotômico, só que os valores da oposição.

Para longe de deus e dos deuses, atraiu-me essa vontade [de criação]; que haveria para criar – se houvesse deuses! Mas novamente e sempre para os homens, impele-me a minha ardente vontade de criar; do mesmo modo é o martelo impelido para a pedra. Ah, dorme a pedra para mim, ó homens, uma estátua, a imagem das minhas imagens (Za/ZA II *Nas ilhas bem-aventuradas*).

Muitas interpretações desconsideram (Fouillée) a ligação entre a parte “destrutiva” da filosofia de Nietzsche com a parte “criativa” proposta pelo filósofo. Zaratustra ressalta que “quem tem de ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente um destruidor e despedaçar valores” (ZA/ZA II *Da superação de si*). A destruição, portanto, faz parte do processo de criação: “para se erigir um santuário, é preciso antes destruir um santuário: esta é a lei” (GM/GM II 24). Como imoralista, Nietzsche também se considera um “destruidor” por excelência, mas sua missão de contradizer, não faz dele um espírito negador: “eu sou um mensageiro alegre, como nunca houve” (EH/EH, *Por que sou um destino* 1).

Se nos tópicos anteriores tentamos esclarecer a razão pela qual Nietzsche não foi apenas um “pregador” dos valores opostos ao cristianismo, nosso objetivo aqui é assinalar o caráter construtivo da filosofia nietzschiana e indicar os equívocos de uma interpretação que considerou o filósofo um mero “destruidor” e “opositor” dos valores cristãos.

Para Nietzsche, os valores morais não existem em si mesmos, mas são o resultado de criações humanas, pois na própria definição de homem está contida a sua capacidade de “avaliar”, de “medir” e atribuir valores às coisas e às ações. “Bem e mal que sejam perenes — isso não existe!” (ZA/ZA II *Da Superação de Si Mesmo*) E, se o homem é um criador de valores por excelência, o que importa ao filósofo imoralista é questionar se esses valores promovem ou diminuem a vida, se são expressão da força ou da fraqueza, se estimularam ou dificultaram o crescimento do homem até agora (GM/GM, *Prólogo* 3). É a partir desse critério que o filósofo analisa a moral e pesa novamente os valores. As avaliações morais que existiram e ainda existem deverão ser vistas enquanto sintomas, enquanto resultado de um determinado conjunto de impulsos e jamais como “verdadeiras” ou “falsas”, “certas” ou “erradas”, “boas” ou “más”.

Encontramos a definição de vida, especialmente na obra tardia de Nietzsche, como vontade de potência, como um impulso ou movimento que quer aumentar, crescer e se expandir. Essa identificação de vida com vontade de potência pode ser vista no discurso *Da Superação de Si Mesmo* de Zaratustra (2003): “onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de potência”. Penetrando no coração da própria vida, Zaratustra ouve o segredo que esta lhe confia: “vê”, disse, “eu sou aquilo *que sempre tem de superar a si mesmo*” (ZA/ZA II, *Da Superação de Si Mesmo*). A ideia que está presente é da vida enquanto esse movimento

constante de criação e autossuperação, um movimento que destrói e cria ao mesmo tempo e que, acima de tudo, avalia.

É a vida, portanto, que avalia e cria a moral e não o contrário, não são os valores provenientes de fora, do Além, de um Deus ou de qualquer transcendência que direciona a vida para uma finalidade, mas é a própria vida, enquanto movimento em direção ao aumento de potência, que cria valores.

Com vossos valores e palavras de bem e mal exerceis violência, ó valoradores; e este é o vosso amor oculto e o brilho, tremor e transbordamento de vossa alma.

Mas uma violência mais forte cresce de vossos valores, e uma nova superação (ZA/ZA II, *Da Superação de Si Mesmo*).

A vida, como tendência para o crescimento e expansão, segundo Nietzsche: “deverá ser a vontade de dominação, desejará crescer, aumentar, atrair, adquirir predomínio — não já pela moralidade ou imortalidade, mas unicamente porque ‘vive’ e porque a vida é a vontade de potência” (JGB/BM, p. 259). Essa é a dinâmica constante da vida: enquanto há vida, há movimento em direção à expansão e à superação. Pouco importa, do ponto de vista da vida, se ela fere ou contraria os princípios da moral vigente, se está em oposição ao que “deveria” ser.

E se, para Nietzsche, é a vida que avalia, então, é preciso examinar os valores desde essa nova perspectiva, indagando se eles estão a serviço do crescimento ou da degeneração, se promovem ou diminuem a vida. É sempre a vontade de potência que está em questão quando tratamos da moral e quando falamos de bem e mal. “Esta é toda a vossa vontade, ó mais sábios entre todos, uma vontade de potência; e também quando falais de bem e mal e das valorações” (ZA/ZA II, *Da Superação de Si Mesmo*).

Em sua obra *O Anticristo* (2003), Nietzsche fala dos valores a partir de uma perspectiva da vontade de potência e questiona: “O que é bom? — Tudo o que eleva o sentimento de potência, a vontade de potência, a própria potência no homem. O que é mau? — Tudo o que vem da fraqueza” (AC/AC 2). A própria felicidade é definida nesse aforismo como aquilo que eleva o sentimento de potência depois que “uma resistência é superada” (AC/AC 2). Este é o critério supremo para Nietzsche: a vida. Diante da moral, das interpretações do mundo, dos valores e de toda a tradição filosófica, devemos sempre indagar: favoreceram o crescimento da vida ou foram signos de degenerescência?

Partindo desse critério, o filósofo analisou a tradição judaico-cristã e constatou que os valores que prevaleceram até então foram valores do declínio, que depreciaram e negaram a vida. “Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade falta essa vontade (afirmativa) — que valores de declínio, valores niilistas preponderam sob os nomes mais sagrados” (AC/AC 6). Daí a necessidade não apenas de denunciar e desmascarar os valores

provenientes da fraqueza, como também de possibilitar a emergência de outros: mais potentes e afirmativos.

A proposta nietzschiana envolve a reformulação da própria humanidade, uma vez que os valores, até então, cultivados foram os responsáveis pela emergência de um tipo de homem cansado da vida e enfraquecido: “o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem - o cristão...” (AC/AC 3). É preciso, portanto, que o homem atual desapareça e dê lugar àquilo que o filósofo chamou de *Übermensch*, “além-do-homem”. A noção de criação, em Nietzsche, que compõe o projeto de uma transvaloração de todos os valores, prevê o surgimento não apenas de outras formas de vida, mas também de um novo tipo de homem.

Qual espécie de homem, para Nietzsche, merece ser cultivada e desejada? Esses homens existiram até agora ou foram exceções? Aos olhos do filósofo, esses tipos só teriam existido enquanto anomalias e “acazos felizes”, nunca como homens desejáveis e queridos. Aliás, ao contrário, foram sempre os mais temidos, os mais evitados, aqueles que, por causarem medo, deveriam ser imediatamente censurados e banidos da convivência social. A humanidade, devido ao terror que causavam, sempre se preveniu contra eles, cultivando e promovendo o ideal oposto: o ideal do homem bom, domesticado e doente.

Com sua noção de além-do-homem, Nietzsche pretendeu indicar que não basta criar e reformular os valores, mas é preciso criar e reformular também a humanidade e o tipo de homem a ser fomentado. Não por acaso, em *Assim falou Zaratustra* (2003), obra na qual essa ideia aparece de forma abundante, o personagem nietzschiano, depois de anunciar a “morte de Deus”, dirige-se aos homens ensinando-lhes o além-do-homem, como o verdadeiro “sentido da terra”.

CONCLUSÃO

A postura imoralista de Nietzsche prevê, portanto, a abolição de todas as instâncias supraterras (morte de Deus); assim como a supressão da crença na existência de valores superiores, tais como o altruísmo e a compaixão (ordem moral do mundo). É preciso superar não apenas Deus, mas também suas sombras. “Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. – Quanto a nós – nós teremos que vencer também a sua sombra!” (FW/GC 108). Depois de vencer tais sombras, ao mundo, é devolvida sua inocência, seu simples vir-a-ser e ao homem é dada a possibilidade de exercer sua função como criador de valores.

Do exposto até aqui, é possível constatar que o autoproclamado *imoralismo* de Nietzsche não consiste em uma mera inversão dos valores cristãos, mas no questionamento radical de uma cultura — e do tipo de homem — que os erigiu. A partir da perspectiva da própria vida, o filósofo revela como a fraqueza e o ressentimento orientaram a criação dos valores tradicionais e como o seu *imoralismo* se manifesta, antes, como uma necessidade de criação de valores mais afirmativos e vitais.

REFERÊNCIAS

FOUILLÉE, A. *Nietzsche et l'Immoralisme*, Félix Alcan, 1902.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

NIETZSCHE, F. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 2004.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Marco A. Casa Nova. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2000.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 2009.

NIETZSCHE, F. *Humano demasiado Humano, um livro para espíritos livres, volume II*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das letras, 2008.

NIETZSCHE, F. *Humano demasiado Humano, um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 2005.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Correspondência*: Volume I, junho 1850 - abril 1869. Trad. Luis Enrique Guervós. Madrid: Editorial Trota, 2005.

NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 1985-1995.

Artigo Submetido em 12/09/2025 e aprovado em 19/09/2025

Breves informações sobre o autor: Kelly de Fátima Castilho possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2004); mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009) e doutorado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). É Professora de Filosofia no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), atuando principalmente nos seguintes temas: Nietzsche: vontade de potência e eterno retorno; Jean Marie Guyau e Alfred Fouillée: moralidade, egoísmo e altruísmo e a recepção do pensamento de Nietzsche na França.

ORCID: 0009-0004-4742-4529

E-mail: kellyfcastilho2@hotmail.com

Endereço: Rodovia RS, 2018 - Indubrás, Santo Ângelo- RS, 98806-700

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Samuel José de Almeida, Paulo Sérgio Alvez de Souza